

Abril a Junho de 1911

---

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES***(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)*

---

**O Mosteiro da Sub-Serra da Castanheira***(Continuado da pag. 224)*

O Mosteiro da Sub-Serra, além das mercês regias, recebia do Conde D. Antonio todo o trigo e legumes de que carecia. (1) Apesar de tudo, esta casa religiosa foi sempre mais ou menos modesta. Impõe-se-nos tão sómente pelo desalinhado da construção e pela extrema simplicidade. De reduzida população e fraco patrimonio o mosteiro ribatejano foi decahindo cada vez mais; só o cunho aristocratico predominava entre aquellas estreitas paredes testemunhos de desabafos mal contidos. Quantos momentos houve em que a solidão monastica foi atravessada pelo ruido do arfar d'um peito a conter um coração que palpitava mais apressado e impetuoso? Esse cunho aristocrático que accentuámos dava talvez á corporação um aspecto de casa de *élite* religiosa. Era uma forma extranha e recatada de passar a existencia. E se é indubitavel que este processo seguido pelos nossos maiores de enclausurarem as suas filhas sob as pesadas abobadas dos conventos, traduzia até certo ponto a necessidade do recolhimento tão efficaz nos espiritos que ainda caminham amparados (mercê da sua juventude) representando o dispendio de bens que mantinham de pé esses edificios austeros, não é menos certo que a par

---

(1) Historia Seráfica.

dos dotes ricos que acompanhavam algumas das enclausuradas, outras havia a quem o noviciado vinha dar um certo bem estar que lhes escasseiava na sua propria casa. Neste meio religioso do mosteiro da Castanheira havia, fatalmente, de se respirar uma certa uncção cheia de mysticismo. O habito das claristas assentava, com certeza, lindamente nas descendentes da mais alta estirpe portugueza e ninguem diria, quiçá, que n'aquelles rostos desmaiados e n'aquellas mãos patricias corria sangue de antigos guerreiros.

Assim a Madre Soror Barbara de S. Francisco que era bisneta do Conde Padroeiro, por seu pae o Conde da Vidigueira, vinha a ser terceira neta do descobridor da India; descendendo igualmente pelo lado materno dos Menezes, Capitães de Tanger. O valoroso Mem Rodrigues de Vasconcellos, da ala dos namorados, tambem vivia naquelle claustro, na pessoa de Anna de Jesus, filha de Luiz Mendes de Vasconcellos e de Brites Caldeira. A madre, Anna da Natividade, foi filha de D. Alvaro de Castro e neta do grande D. João de Castro, a quem um notavel escriptor chamou *o commentario da honra*.

Mas, ao passo que a tradiçãõ pairava naquelle recinto religioso, a deficiencia dos meios de existencia ia accentuando-se, a olhos vistos, e, com um tal incremento que no anno de 1760 a comunidade representava (1) ao rei impetrando o seu auxilio no sentido de attenuar a crise desesperada que as religiosas atravessavam. Motivou esta supplica a exigencia dos credores.

Como é natural allegaram se as razões em que ella assentava, apresentando-se relações dos rendimentos, das pensões que annualmente se dispendiam e das dividas da corporaçãõ (vidé documentos). E' para salientar a insistencia com que as freiras lastimam a falta de subsistencia dos sacerdotes encarregados de lhes ministrar os sacramentos. A despeito dos rogos não foram bem succedidas nos seus propositos. As entidades chamadas a dar a sua opiniãõ sobre a materia, mostraram-se pouco benevolentes. A mesa do Desembargo do Paço não achou natural a supplica, por varias razões, e o procurador da corõa informou desta maneira: o principal objecto com que as supplicantes concluem a sua

(1) Desembargo do Paço — Côrte — Março 1299 — Numero 3.

lamentação he o não terem com que sustentar os seus Padres que lhe administram os sacramentos «se ellas não fizessem com elles os exorbitantes gastos, que neste, e outros semelhantes conventos se costumam praticar, não chegariam ao pobre estado em que se concideram; por esta parte deve entrar a reforma e pela de deza-



*Portico da Egreja, tendo na parte superior as armas dos Ataides, que são «em campo azul quatro barras de prata. Timbre, uma onça de azul assentada e bandada com as quatro barras, ou bandas, do escudo. (1)*

sette criadas, que não podem ser todas, nem a maior parte precisas para a comunidade de quarenta e oito religiosas, que actualmente ha, e talvez que excedam o numero permittido para o mesmo convento no que tambem se deve reformatar, não admit-

(1) O Brazão, como se vê da gravura, não tem o timbre.

tindo entrar mais freira algũa emquanto elle não estiver desempenhado: para o precizo sustento das Freiras devem concorrer os pays e parentes e hũas ás outras, segundo as suas possibilidades e evitarse toda a despeza que possa ser escuzavel para se pagarem os seus legitimos credores que he o que Deus manda: A moratoria pretendida em que nenhũ dos credores que foram ouvidos concete serviria de amontoar mais as mesmas dividas e impossibilitar o pagamento dellas; e não sei se semelhante indulto cahe no real agrado de Sua Magestade, que não custuma dispender graças com prejuizo de terceiros.»

Este parecer dá-nos bem a medida da fôrma porque nos varios conventos era distribuido o dinheiro. Uma outra circumstancia se revela; é a do predominio da governação do Marquez de Pombal. Transparece claramente a reluctancia de deixar seguir descabros, evidenciando-se a necessidade de lhe pôr cobro.

Estas e outras causas determinaram apressadamente a queda do convento ainda mais dizimado quando a violenta convulsão de 1755 lhe abalou profundamente os alicerces.

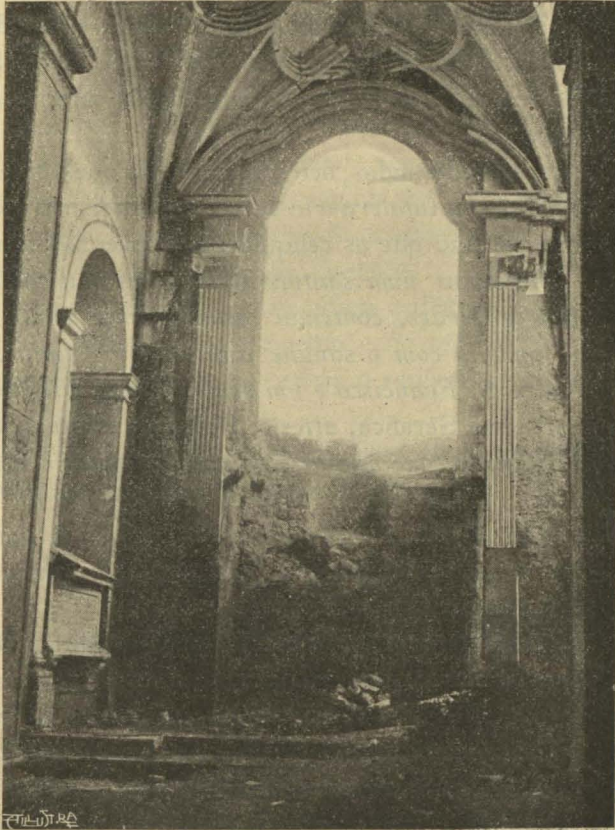
Moral e materialmente continuava definhando-se e hoje, uma simples recordação só alimentada pelos visionarios do passado e dos constructores da tradição, mantém de pé esse mosteiro de que actualmente restam as paredes prestes a desmoronar-se e as ossadas dos que nelle jaziam escarnecidas pela multidão inculta que a par da ausencia do respeito pelos que morreram, ostenta uma gélida indiferença filha da escassez de sentimentalidade artistica.

Não vão os tempos propensos a religiosismos destemperados, porém, ao contrario das leis humanas a quem se não confere o direito retro-activo os desentulhadores das glorias passadas, necessitam de olhar para traz, arrancando do seio dos tempos idos tudo o que documente essas epochas longiquas; atirando para o tablado do modernismo, essas singulares personagens que constituem o recheio de outras eras.

A corrente impetuosa dos que não sabem ver o que fomos e o que valem, tem desmantelado quer no aspecto bruto da materia, quer na essencia palpitante do espiritalismo, as producções grandiosas daquelles que por varias manifestações da arte conseguiram, apezar da distancia, conservar o seu colorido admiravel. E se a ideia-arte se casa graciosamente bastas vezes, com o mys-

ticismo, não é motivo para que mutilem os productos dessa aliança.

Não admira, consequentemente, que desaparecessem por completo as reliquias, que como taes eram guardadas no Mosteiro da Sub-Serra. E já que não logramos conserval-as nem sequer palpitar onde ellas se poderiam encontrar, valha-nos ao menos o



Capella-mór, arruinada, da Egreja do Mosteiro, vendo-se á esquerda o tumulo de D. Fernando de Athayde e de sua mulher.

registro dellas no que fomos soccorridos pelo Padre Fernando da Soledade, e que já varias vezes temos citado. — Eu estou a ver esboçar-se em certos labios um sorriso desdenhoso, mixto de troça e de censura, por me atrever a fallar em reliquias religiosas! Responderei, simplesmente, que a enumeração do que as sim-

ples religiosas apodavam de reliquias, não entrava a marcha progressiva das sociedades e, o que é mais, a sua propria existencia em coisa alguma contribuiu para que os grandes espiritos positivistas e verdadeiramente scientificos deixassem de colher os almeçados fructos das suas bellas doutrinas, cada vez mais opulentas de verdade e de ensinamento!

Comprehendam, de vez, os exagerados e rotulados *intellectuaes modernos* (não os verdadeiros sabios) que á custa da exhibição das theorias e manifestações passadas é que se poude apurar com mais realce o confronto extremado os campos e depurando o que presta.

Feitos estes considerandos, fico consciente de que o *conselho da moderna inquisição da intolerancia e licenciosidade* não me fulminará só porque eu digo que as reliquias do convento feminino da Castanheira consistiam *num santuario de prata matizado de pedras vermelhas e verdes, contendo ossos de onze santos, destacando-se uma ambula com o sangue dum martyr, um pedaço de cordão do Padre S. Francisco e um dente de Magdalena que*, diz o auctor da Historia Serafica, *attesta a elevada estatura da penitente arrependida, de que ha por esse mundo tantas continuadoras...*

*No calvario duma cruz de prata sobredourada viam-se as reliquias de vinte santos e no alto da cruz alludida, um bocado do lenho em que o Christo foi sacrificado.*

Esta peça que se diz ter sido dada ao Mosteiro pelo Bispo D. Jorge de Athaide, emparelha á vontade com o *craneo de uma das onze mil virgens*, presente de Manoel de Mello Coutinho, Embaixador em Castella, junto do Imperador Carlos V. Parece que este monarcha depois de ter sido presenteado com a mesma reliquia, pela Rainha da Bohemia, a deu ao Ministro que por sua vez a offereceu ao Mosteiro, por intermedio da Condessa D. Anna de Tavora.

Vem a proposito dizer que o embaixador Manuel de Mello Coutinho desempenhou um papel importante junto da côrte do Imperador Hespanhol, representando ainda o nosso paiz no momento em que o poderoso monarcha se recolheu á vida monastica. (1) Seja-me perdoado que, affastando-me do assumpto princi-

(1) Vidé documentos do additamento.

pal desta monographia me detenha ás vezes historiando pessoas ou factos que com ella se relacionam. Além de ter um certo cabimento, o meu proceder garante mais interesse á narração emquanto divulga acontecimentos de qualquer modo interessantes. Por isso a proposito de Mello Coutinho, encorporarei na documentação desta obra duas cartas que servem pelo menos para assignalar a passagem do embaixador pelas chancellarias mundiaes e precisamente numa epocha em que a Europa nos offerecia uma situação que se me afigura não ser das menos curiosas, porque é justamente neste periodo que Lutherõ abre a formidavel scição religiosa que apaixonou o mundo e de que Carlos V não arrancou lucros, devido principalmente ao seu espirito sectarista.

Das duas cartas, uma é assignada por Coutinho e dirigida a D. João III e a outra pela rainha D. Catharina, viuva deste rei e endereçada a seu tio Filippe de Castella.

No primeiro documento se refere a disposição em que estava Carlos V de entrar n'um convento e no segundo a rainha manifesta o desejo de que volte á patria o seu embaixador, visto a sua avançada idade.

Manuel de Mello Coutinho era filho de Jorge de Mello, capitão de Mazagão (1) e de D. Branca Coutinho.

---

## Inscrições lapidares

ESTA CAPELA MANDARÃO FAZER SALVA  
 DOR IORGE E SVA MOLHER INES DE VI  
 LAS BOAS TEN QVATRO MISAS CADA  
 SOMANA E QUATRO CANTADAS PELAS  
 QUATRO FESTAS DOA NO E SE AIVNTOU  
 A ELAS R<sup>o</sup> IORGE SEV IRMAO CON TR  
 ES MISAS REZADAS CADA SOMANA E  
 HVA CANTADA PELO ESPIRITO SAN  
 TO E AS TRÊS DO NATAL E LHE DO  
 TARÃO MUITA FAZENDA E RENDA

---

(1) D. Manuel — Doações — Liv. 42, fl.º 25.



dade existente na Castanheira, junto das casas da sua residencia. (1)

A mulher de Salvador Jorge, Ignez de Villas Boas foi filha de Jacome de Villas Boas e de D. Jsabel da Rocha. (2) Jacome de Villas Boas serviu de Escrivão da Casa da Supplicação (3), Procurador do numero, de Vianna da Foz de Lima (4), Inquiridor da mesma villa (5). Este Jacome de Villas Boas era um ramo secundario da familia dos Villas-Boas, de Barcellos.

A instituidora Ignez de Villas Boas, segundo o auctor do Nobiliario, Queiroz e Vasconcellos, teve mais irmãos a saber: *Alvaro de Villas-Boas da Rocha*, que foi o varão; *Maria do Rego*, mulher de João Casado Jacome, e *Simão da Rocha*.

Salvador Jorge teve de sua mulher uma filha de nome Anna de Villas Boas (6) que foi mãe do desembargador Manuel da Nobrega.

Num pequeno processo existente no Archivo Nacional (7), contem-se um documento que passamos a reproduzir, por identificar Anna de Villas Boas e Salvador Jorge. = Señor — Com Esta sera a Informassão da abonassão do Licenciado Manoel da nobregua da parte de sua mãj Anna de villas boas per Ella Consta seus avoos da parte da dita sua maj serem Cristãos velhos sem Raca de Judeu Cristão Novo Mouro nem mulato nem servirem officios mecanicos somente hũa testemunha dis *que ouuiu diser que o paj da dita sua mãj Em seu primeyro principio fora aze-mel do Conde da Castarhejra* E que despois o Conhesseo ser Almojarife da Condessa velha da mesma villa E ser tambem Almojarife de Vossa Magestade e Cavallejro fidalgo de sua Casa E como morreo neste foro Eserssendo Estes officios ainda que fora verdade o que a dita testemunha diz que ouvio não podia preiudicar ao dito Licenciado. Villa franca 16 de novembro de 1623.==

(1) D. Sebastião-D. Henrique — Privilegios — Liv. 13, fl. 216 vs.

(2) Nobiliario de Antonio Peixoto de Queiroz e Vasconcellos — Titulo de *Villas Boas* — Torre do Tombo.

(3) D. Sebastião — Doações — Liv. 14, fl. 58.

(4) D. João III — Doações — Liv. 6, fl. 64.

(5) D. João III — Doações — Liv. 25, fl. 102.

(6) O Nobiliario citado chama-lhe *Filippa*.

(7) Leitura de Bachareis — Lettra M — Maço 14 — N.º 12.

D'aqui se conclue que a instituição da capella é anterior a 1623 em que já se dá como fallecido Salvador Jorge.

Como complemento d'estas notas diremos que no anno de 1707 (7-Janeiro) deu D. João V a administração d'esta capella a Gonsalo da Cunha Villas Boas (1) a quem succedeu Jeronymo de Abreu Mendonça (2), que allegou poder ter a dita administração, visto ser já fallecido o ultimo possuidor d'ella que tinha sangue do instituidor; Cosme da Guarda Fragoso, a quem no anno de 1696, D. Pedro II concedeu subrogação de certas terras juntas a duas quintas em Póvos, no sitio chamado «Fonte de Pedro Lobo» pertencentes ao seu morgado, que estatua a obrigação de missas *resadas e cantadas n'uma capella sita no Mosteiro das Freiras de Sub-Serra da Castanheira* (3). Segundo os linhagistas (4) este Cosme da Guarda morreu sem geração tendo casado com uma filha de Jeronymo de Abreu Mendonça, de quem atraz se fallou.

(*Continua*).

NOGUEIRA DE BRITO.

## CAMPANARIOS EM PORTUGAL

(*Continuado do n.º 3, pag. 151*)

### ALCAINÇA

2.º Sino — Tem cinta ornamentada em cima, sem legenda, no centro para o lado de fóra da sineira uma pequena Cruz ornamentada com peanha, em baixo na cinta liza o nome do fundidor

JOSE DE OLIVEIRA — 1898.

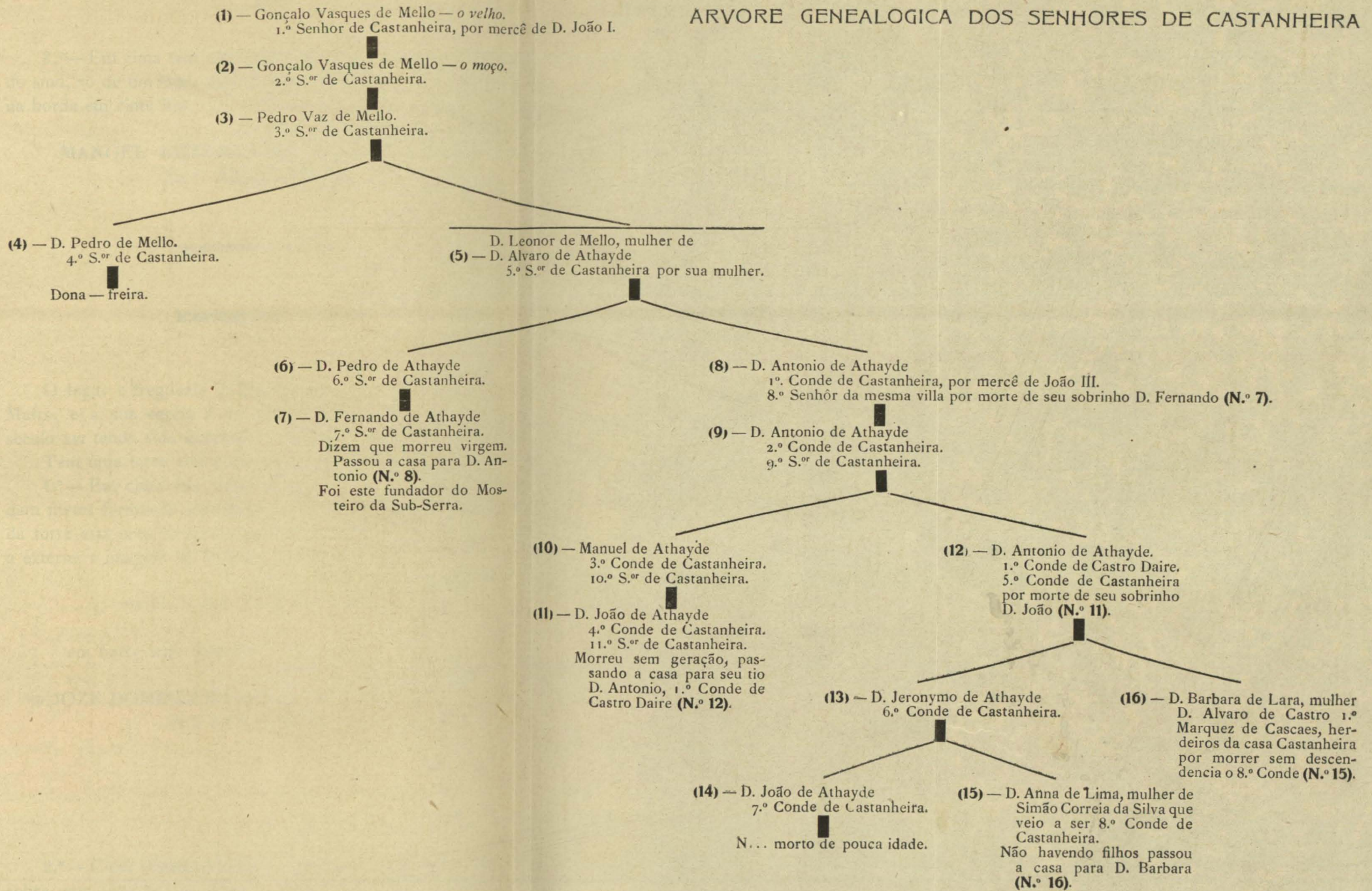
(1) D. João V — Doações — Liv. 28, fl. 21.

(2) " — " — " 46, » 356.

(3) D. Pedro II — Doações — Liv. 41, fl. 75.

(4) Torre do Tombo — Genealogias —  $\frac{21}{E}$  fl. 145.

# ARVORE GENEALOGICA DOS SENHORES DE CASTANHEIRA



3.º — Em cima tem cinta ornamentada sem letreiro, no meio do sino, só de um lado, está a Cruz ornamentada com peanha, e na borda em cinta liza

MANOEL AMTONIO DA SILVA · FILHOS ·  
Lx.<sup>A</sup> ANNO DE 1867 ·

---

### EGREJA NOVA

O logar e freguezia da Egreja Nova pertence ao concelho de Mafra, e a sua igreja é de tres naves com alguns vestigios do seculo xvi tendo sido dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Tem uma torre alta e elegante com dois sinos.

1.º — Em cima tem cintas ornamentadas, no centro circumdam filetes formando uma faixa, sobre a qual para a parte interna da torre está uma Cruz ornamentada com raios e peanha, e para a externa a imagem da Virgem, tendo na faixa

☉ N. S. DA CONCEICAOM \* ☉

em baixo tem cinta liza e em uma linha o letreiro

☉ JOZE DOMINGUES DA COSTA OFEZ EM LISBOA  
NO ANNO DE 1799 ☉

---

2.º — Cinta ornamentada em cima sem legenda, no centro e sobre uma cinta liza de um lado está uma Cruz com peanha e do outro diametralmente opposto o Crucificado, em baixo na borda tem cinta liza tambem sem letreiro.

## CARNIDE

A igreja parochial de S. Lourenço de Carnide é bem antiga, ainda que o templo só conserva na frontaria, como vestigio da sua antiguidade, a inscripção, copia de outra da era de 1380 (1342 do anno de nascimento de Christo) em que declara, que o bispo D. João tinha mandado edificar a igreja por Pero Sanches chantre de Lisboa á honra de S. Lourenço.

Da inscripção e de outras noticias da igreja tratou com proficiencia o nosso Consocio Sr. Gabriel Pereira na sua descripção d'*O lindo sitio de Carnide.*

O bispo D. João, que mandou edificar a igreja de S. Lourenço de Carnide, era o bispo de Lisboa D. João Affonso de Brito, que tinha sido deão da Sé de Evora, o qual foi eleito em 1326, e falleceu em 1342 a 24 <sup>(1)</sup> de Julho, como declara a inscripção.

Além da memoria comprovativa da antiguidade da igreja exarada na pedra da frontaria, ha ainda a «taxa de cincoenta libras» em que foi collectada no anno de 1321 «A igreja de S. Lourenço de Carnide com a Ermida» <sup>(2)</sup> contribuição que el-rei D. Diniz, nos termos da bulla do papa João xxii dada em Avinhão a 23 de maio de 1320, lançou durante tres annos para subsidio da guerra contra os moiros sobre todas as rendas ecclesiasticas do reino; exceptuando as igrejas, commendas e beneficios pertencentes á ordem de S. João de Jerusalem, do Hospital ou de Malta «porque os professos d'ella se empregavam continuamente em militares exercicios contra os mesmos infeis».

A fachada da igreja está voltada ao poente, e tem uma torre elegante com sete sinos, estando cinco nas sineiras e dois nos angulos internos da torre.

1.<sup>o</sup> — Tem em cima faixas ornamentadas, no centro: de um

(1) *A Hist. eccles. da igreja de Lisboa* por D. Rodrigo da Cunha. Lisboa, 1642. Part. II, cap. LXXXVIII diz ter fallecido o bispo D. João em 25 de julho, conforme o antigo *Calendario* da Sé de Lisboa.

Egualmente J. B. de Castro no seu *Mappa de Portugal* Lisboa, 1763. Tom. III, pag. 114, indica o fallecimento do bispo D. João a 25 de julho.

(2) *Catalogo de todas as Igrejas, Commendas e Mosteiros, que havia nos Reinos de Portugal e Algarve pelos annos de 1320 e 1321* cit.

Codice n.<sup>o</sup> 179 dos Mss. Collec. Pombalina na Bib. Nac. de Lisboa. fls. 69 v.

lado a Custodia, do outro a figura do santo e por baixo S. LOURENÇO sobre filetes, na borda em cinta liza e numa linha estão os nomes dos fundidôres

FAUSTINO ALVES. E JOAO CRAVEIRO ME FIZERAO  
EM LISBOA ANNO 1796

2.<sup>o</sup> — Em cima tem cintas ornamentadas, no centro: de um lado igualmente a Custodia, do lado opposto a imagem da Virgem e N. S. DA CONCEICAO sobre filetes, em baixo cinta liza e os nomes dos fundidôres

F. ALVES. J. CRAVEIRO. F ANNO 1796

3.<sup>o</sup> — Tem cintas ornamentadas em cima eguaes ás do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> sinos, no centro de uma parte a Custodia, da parte opposta a figura de S. BARBARA, em baixo na borda o letreiro com os nomes dos fundidôres e anno dispostos como no 2.<sup>o</sup> sino.

4.<sup>o</sup> — Cintas ornamentadas em cima sem letreiro, no centro só para o lado externo da torre tem uma pequena Cruz com peanha, em baixo estão em uma linha da cinta liza indicados os fundidôres

FEITO POR MANOEL ANTONIO DA SILVA.  
& SANTARENO. LISBOA ANNO DE 1830

5.<sup>o</sup> — O feito e a ornamentação é igual ao 4.<sup>o</sup> tendo em baixo na cinta liza unicamente

LISBOA ANNO DE 1849

6.º e 7.º — Estão collocados dentro da torre, e são semelhantes na ornamentação aos 4.º e 5.º mas sem letreiros.

---

## LISBOA

### Egreja da Graça

A igreja de Nossa Senhora da Graça que é um templo magestoso e dos maiores de Lisboa, pertenceu ao convento dos eremitas calçados da ordem de Santo Agostinho denominados graciosos.

O antigo convento foi depois do terremoto do primeiro de novembro de 1755 reconstruido pelo architecto Custodio Vieira, seguindo-se-lhe Caetano Thomaz de Sousa, sendo reedificada a igreja em conformidade de um novo projecto e alçado, ultimados em 1777, por se ter perdido o anterior pelo terremoto (1).

A frontaria e a torre são de bello effeito architectonico, e a sua orientação é voltada ao poente.

Depois da extincção das ordens religiosas em Portugal pelo decreto de 28 de maio de 1834 deram entrada na igreja da Graça em solemne procissão no dia 31 de maio de 1835 as irmandades das duas antigas freguezias, já annexadas, de Santo André e Santa Marinha, tendo sido primeiramente em 1834 unida a parochia de Santa Marinha á de Santo André, sendo depois estas duas egrejas demolidas em 1843 conforme os termos do decreto do ministerio da Fazenda de 23 de novembro d'aquelle anno.

Na torre estão seis sinos, sendo quatro nas sineiras e dois nos angulos internos da mesma torre.

1.º — E' um sino de grandes dimensões e muito ornamentado, tendo em cima uma cinta liza e o letreiro

### ANTONIVS GOMEZ FEYO FACIEBAT

circumdam uns filetes, e para o lado exterior da torre está a fi-

---

(1) *Descripção dos monumentos sacros de Lisboa...* por Luiz Gonzaga Pereira. Codice n.º 215 da Bib. Nac. de Lisboa.

gura de Santo Agostinho, tem outra cinta liza e nella em uma linha

☩ ✠ ☩ IN ☩ OMNEM ☩ TERRAM ☩ SONVS ☩  
HVIVS ☩ EXIVIT ☩

ao centro e para o lado de fóra tem em escudo ornamentado o braço da ordem de Santo Agostinho, a aguia com duas cabeças segurando nas garras o Sol e o Crescente, no meio o livro sobre o qual está um coração flammejante; para o lado interno da torre tem o escudo das armas do Reino, e em outra faixa numa linha

✠ ☩ PHILIPPI ✠ PRIMI ✠ PORTVGALÆ ✠ REGIS ✠  
PIENTISSIMI ✠ MAGNIFICENTIA ✠ DICATVM ✠ ☩

outra cinta liza na qual está em uma linha

AB ILLVSTRISSIMO DOMINO FRATRE ALEXIO DE  
MENEZES HVIVS CONVENTVS OLIM PRIORE \*  
CONSECRATVM ANNO DOMINI 1611

em outra linha, mas sem cinta, complêta

ARCHIPRÆSVLE PRIMATE DIGNISSIMO NVNC  
INDIARVM AC HISPANIARVM



na borda do sino tem filetes circulares.

Antonio Gomes Feio, fabricante do sino grande da Graça, era tambem fundidôr de artilharia nomeado pelo rei D. Filippe II em carta de 10 de maio de 1610 com o ordenado annual de oito mil reaes, e como tal incluido pelo Dr. Sousa Viterbo nos seus *Fundidôres de Artilharia* a pagg. 38 e 39.

2.º — Tem em cima cinta ornamentada e duas lizas nas quaes está o letreiro

1.ª linha — ✠ BEATISSIMÆ VIRGINI MARIE GRATIARUM  
MATRI DICANT HOC CYMBALUM FRATRES  
HUIUS

2.ª linha — CONVENTUS

no centro para o lado exterior da torre está a Cruz ornamentada com raios e peanha, e para dentro a imagem da Virgem com o Menino sobre nuvens, inferiormente estão dispostos filetes circulares, e na cinta liza da borda em uma linha o letreiro

J LEVACHE E JOAO CRAVEIRO ME FIZERAM  
NO ANNO DE 1788

3.º — Em cima cinta ornamentada e em duas lizas está o seguinte letreiro em duas linhas

1.ª linha — SS NICOLAO AUGUSTINIANÆ THAUMATUR-  
GO ET RITÆ IMPOSSIBILIIUM VICTRICI DI-  
CANT HOC CYMBALUM HUIUS

2.ª linha — CÆNOBI FRATERS

no centro para fóra da torre tem a Cruz ornamentada com raios e peanha, e para a parte interna as figuras de S. Nicolau e Santa Rita de Cassia da ordem de Santo Agostinho, em baixo sob filetes estão os nomes dos fundidôres em uma linha na cinta liza da borda

J LEVACHE E JOAO CRAVEIRO ME FIZERAM  
NO ANNO DE 1788

4.º -- Cinta ornamentada acompanhando outra liza em cima com a legenda

S THOMÆ DE VILLV NOVV PAMPERVM PATRIS


no centro para o lado externo da torre sobre filetes circulares tem uma Cruz ornamentada com peanha, para dentro a figura do santo paramentado de mitra e baculo e com um menino pela mão, em baixo cinta liza tendo em uma linha a legenda seguinte :

FR. EMMANVEL DE ALMEIDA \* PROVINCIALIS  
EMERITVS DICAVIT  
LEVACHE ME F ANNO DOMINI MDCCXXXVIII


S. Thomaz de Villa Nova da ordem de Santo Agostinho foi arcebispo de Valencia, e como era muito caritativo e esmoler foi chamado o pae dos pobres. A historia da sua vida está publicada no *Flos Sanctorum* de Fr. Diogo do Rosario, Tom. 2.º pagg. 524 a 554, e ali relata o caso do menino, que acompanha a figura do santo representada no sino.

O fundidor Levache na legenda da cinta na corôa do sino inverteu os dois A em — VILLA NOVA — e errou — PAMPERVM — porque sendo o santo pae dos pobres devia ler-se — PAVPERVM PATRIS.

5.º — Tem em cima uma faixa com ornamentos e outra liza com a seguinte legenda em uma linha

 ECCE FIDELIS SERVUS ET PRUDENS QUEM CONSTITUIT DOMINOS SUPER FAMILIAM SUAM

no centro de um lado tem uma Cruz ornamentada com peanha, do opposto está a imagem de S. José sobre filetes, em baixo na cinta liza da borda o letreiro

 J LEVACHE E JOAO CRAVEIRO F NO ANNO  
DE 1789

6.º — Em cima tem uma cinta ornamentada e outra liza sem letreiro, no centro, de uma parte, está uma pequena Cruz liza com peanha e diametralmente collocada a figura de S. Paulo com a espada; sob filetes uma cinta liza na borda com os nomes dos fundidôres

J LEVACHE E JOAO CRAVEIRO F ANNO DE 1790

**S. Vicente**

A igreja de S. Vicente de Fóra, que pertenceu ao mosteiro de conegos regrantés de Santo Agostinho, foi na primitiva fundada pelo primeiro rei D. Affonso Henriques, sendo depois o convento e igreja reedificados, ou novamente construidos no seculo XVI por ordem de D. Filippe I pelo architecto Filippe Tercio.

Pelo terremoto do primeiro de novembro de 1755 alguma ruina soffreu, caíndo o zimbório do cruzeiro da igreja.

E' templo grandioso e de boa architectura, e ali tem estado estabelecida a freguezia de S. Vicente, sendo-lhe annexadas as de S. Thomé e Salvador.

A parochia do Salvador foi annexada civilmente á de S. Thomé segundo os termos do decreto de 18 de abril de 1834 (1), e transferidas as duas reunidas pela portaria de 17 de outubro de 1836, para a igreja do Menino Deus de terceiros de S. Francisco.

A igreja de S. Thomé foi demolida em 1839.

A parochia do Salvador, que exercia culto na igreja do mesmo convento, já no seculo XVIII tinha estado provisoriamente na igreja do Menino Deus. E' o nosso erudito Consocio Sr. Visconde de Castilho, quem nos esclarece na sua *Lisboa Antiga*, 2.ª Parte, *Bairros Orientaes*, Tom. VI, pag. 172, onde diz:

«Arruinado o templo e mosteiro (do Salvador) com o terremoto de 1755, estabeleceu-se a parochia na igreja do Menino Deus, onde esteve dois mezes, recolhendo depois para a chamada *casa da grade* do proprio mosteiro».

(1) *Collecção de decretos e regulamentos mandados publicar pelo regente do Reino...* 3.ª Serie, Lisboa, 1835. Appendice, pag 50.

A fachada da igreja de S. Vicente com as duas torres está voltada ao poente, e só na torre do lado do Sul é que tem dez sinos, sendo oito nas sineiras, e dois collocados nos angulos internos da mesma torre.

A proposito das transferencias e annexações das pequenas freguezias do bairro oriental, e como documentos justificativos e interessantes para a historia de Lisboa, se transcrevem e publicam a portaria e decreto, que auctorizaram essas transferencias.

«Eminentissimo e reverendissimo senhor. = Tendo os moradores da freguezia de S. Thomé desta Capital representado que a união da sua igreja á de Sant'Iago, pelo modo porque a dispoz a ordem communicada a V. Em.<sup>a</sup> em data de 7 de setembro ultimo, era contraria á justiça, e offendia gravemente os interesses dos supplicantes, e havendo resultado das informações a que se mandou proceder, que são dignas de consideração as razões por elles expostas em sua representação: Ha sua magestade a rainha por bem, que fique sem effeito a mencionada portaria de 7 de setembro proximo passado; e que para maior commodidade dos Povos, e para melhor arredondamento das freguezias, passe a de S. Thomé para o templo do Menino Deus, levando comsigo reunida a freguezia do Salvador, a que já o está civilmente, e permaneça a de Sant'Iago, reunindo-se-lhe a freguezia de S. Martinho, que por sua pequenez não pôde subsistir desannexada. Depois de feitas estas transferencias, e secularisações, a que presidirá o recato religioso para taes casos recommendado..... Deus guarde a V. Em.<sup>a</sup> — Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, em 17 de Outubro de 1836. = Eminentissimo e reverendissimo senhor Cardeal Patriarcha. = Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro».

(*Diario do Governo* n.º 247 de 18 de outubro de 1836.)

«Tendo-me sido presente a consulta a que procedeu o tribunal do Thesouro publico em 18 de julho do corrente anno, sobre a conveniencia de se conceder á Camara Municipal de Lisboa o

terreno das egrejas profanadas de S. Thomé, Santo André, S. Martinho e Santa Marinha, d'esta cidade, a primeira e terceira das quaes já foram demolidas para aformoseamento da Capital e commodidade do publico, devendo resultar eguaes effeitos da demolição das outras duas: Hei por bem, conformando-me com o parecer emittido na sobredita consulta, conceder gratuitamente á referida Camara Municipal os mencionados terrenos, ficando todavia esta concessão dependente da approvação das Côrtes. O Barão do Tojal, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, assim o tenha entendido e faça executar. — Paço das Necessidades em 23 de novembro de 1843. — Rainha — Barão do Tojal. — Está conforme. — Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda em 2 de dezembro de 1843. — Cazemiro Maria Parrella».

(*Sinopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa do anno de 1843* pagg. 25 e 37.)

1.º Sino — Em cima tem faixas ornamentadas e lizas com a legenda seguinte :

✠ IEZUS REDEMPTOR OMNIUM PER CRUCEM  
EPASSIONEM TUAM LIBERA NOS AFULGORE  
ET TEMPESTATE ✠

no centro sobre filetes, para o lado exterior da torre está uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para dentro a imagem do Redemptor com a Cruz, em baixo na cinta liza os nomes dos fundidôres

✠ I LEVACHE IOAM CRAVEIRO MEFES ANNO DE  
1788 ✠ (o 2 está invertido)

2.º — Tem em cima cintas com ornamentos e lizas sem le-  
treiro, no centro para a parte interna da torre uma Cruz orna-  
mentada com raios e peanha, para fóra um painel de fôrma elli-

ptica com ornamentos, lendo-se no painel a 2.<sup>a</sup> estrophe do *Hymno de terciã* do *Officio pequeno* de Nossa Senhora. (4)

MARIA MATER GRATIÆ  
DVLCIS PARENS CLEMENTIÆ  
TV NOS ABHOSTE PROTEGE  
ET MORTIS HORA SVSCIPE

circumda o sino uns filetes, e em baixo na cinta liza está o letreiro

J LEVACHE MEFEZ 1754

3.<sup>o</sup> — Em cima tem faixas lizas e em duas linhas a legenda seguinte :

1.<sup>a</sup> linha — ECCE CRUCEM DOMINI FUGITE PARTES  
ADVERSÆ

2.<sup>a</sup> linha — PIIS ASPECTABAT OCULIS NON PIGNORIS  
MORTEM SEDM UNDI SALUTEM

no centro para o lado de fóra está uma Cruz com raios e peanha, para dentro da torre a imagem da Senhora da Soledade com Jesus morto; circulam uns filetes e sob elles em cinta liza estão os nomes dos fundidôres

I LEVACHE E I<sup>o</sup> CRAVEIRO MEFES 1783

Os fundidôres, com a má disposição das letras na fôrma para a legenda da corôa do sino, alteraram a leitura das penultimas palavras da 2.<sup>a</sup> linha, de maneira que está — SEDM UNDI — quando devia ser — SED MUNDI SALUTEM.

(4) Informação amigavel do esclarecido e muito obsequioso Sr. P. Miguel Augusto Ferreira meritissimo Conego e Prior da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres.

4.º — Tem em cima cintas ornamentadas e lizas sem letreiro, no centro da parte exterior uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para dentro a imagem da Virgem sobre filetes, em baixo cinta liza com o letreiro

JOAO CRAVEIRO LEVACHE F. NO ANNO DE  
MDCCLXLVI. (1796)

5.º — Em cima tem cintas com ornamentos e liza na qual está em uma linha a legenda seguinte:

SALVATOR MVNDI SALVA NOS MATER SALVATORIS  
ORA PRONOBIS OMNIS SPIRITVS LAVDET DOMI<sup>M</sup>

no centro sobre filetes e só de um lado uma Cruz ornamentada com raios e peanha, em baixo na cinta liza da borda

LEVACHE FECIT ANNO 1742

6.º — Contem faixas com ornamentos e lizas em cima sem letreiro, no centro para o lado exterior da torre uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para dentro a imagem da Senhora da Conceição sobre filetes, em baixo cinta liza e a legenda em uma linha

JOAO CRAVEIRO LEVACHE MEFES NO ANNO DE  
1785 (o 3 invertido)

7.º — Em cima tem cintas lizas sem letreiro, no centro só de um lado sobre filetes está a figura de Santo Agostinho, em baixo na borda em cinta liza estão os nomes dos fundidôres

JOAO CRAVEIRO LEVACHE F. ANNO DE  
MDCCLXLVI

8.º — Tem faixa ornamentada e liza em cima com a legenda seguinte em uma linha

QVI VICERIT FACIAM ILLUM COLLUMNAM  
IN TEMPLO DEI ME

no centro só de um lado está uma figura de freira com um livro na mão, em baixo cintas lizas e em uma linha

J LEVACHE F. NO ANNO DE MDCCXCIII

Os 9.º e 10.º sinos, pela altura em que se acham collocados, não poderam ser examinados.

Ainda a respeito da igreja de S. Vicente e do assunto *sinos* se publica o seguinte interessante documento historico relativo a doze sinos vindos de Dinamarca no seculo XVI, um dos quaes foi depositado no convento de S. Vicente em 28 de setembro de 1532, e que certamente se refundiu depois para os novos, que lá existem; pois que entre os dez sinos, que actualmente se examinam na torre, estão tres, os n.ºs 2, 5 e 6, que são anteriores ao terremoto de 1755.

«no año de mil e quinhentos e vinta noue foy tomado hũ pouco de cobre del Rey noso sñor dom Joam o terçoero deste nome em dinamarca polos luteranos q̄ aeste tempo tinhão gerra cõ ho seu rey de dinamarca | E pagarã o dito cobre em doze synos tirados das Jgreijas per elos luteranos jreges e vierã os ditos synos aesta çidade de lixboa | os quaes el Rey noso sñr tornou a mãdar a fran-des pera serem restituídos as Jgreijas domde forã tirados e se re-querer apaga do dito cobre | aque foy respomdido polos ditos lu-teranos q̄ ho nã aviam de pagar em outra mercadorja nem em dr' | e mais q̄ como os ditos synos fosem em seu poder os aviam de fazer em bombardas por terem diso neçesidade pera guerra polo

qual os feytores del Rey noso sñr tornarã amãdaros ditos synos a esta çidade dos quaes sua. a. mãdou deposite hũ neste most<sup>o</sup> de sam viçemte de fora q̃ pesou omze quimtaes e seis aratês | e tem hũ letreiro em q̃ diz q̃ foy feyto no año de mil e quatro centos e hum | dom fernãdo bpõ de lameguo e prior do dito most<sup>o</sup> ouue de sua. a. o dito syno pera estar na dita casa em deposite elhe mãdou fazer sua porca e poer na torre no arco q̃ vai pera parte do adro | foy trazido o dito syno ao dito most<sup>o</sup> a xxvij<sup>o</sup> de setembro de 1532 | E sendo caso que noso sñr permita per sua piadade q̃ cese ajresia dos ditos luteranos e q̃ sua. a. queira mãdar tornar o dito syno adinamarca a Igreja domde foy tirado ho podera fazer liuremẽte sem por yso ficar em obrigação algũa ao dito most<sup>o</sup> e disto he feito asemto per mãdado de sua. a. na casa da Jmdia e outros dous synos destes mãdou el Rey noso sñr deposite polo dito modo na Igreja da vila da castanh<sup>ra</sup> arequerimẽto de dom amt<sup>o</sup> de taide comde q̃ sua. a. fez da dita vila e veador de sua fazemda | e os outros noue synos mãdou sua. a. deposite polo dito modo no convemto de tomar e nas Igrejas da dita vila arequermẽto do padre frei amt<sup>o</sup> de lix<sup>a</sup> da ordem de sam Jeronimo gouernador por sua. a. do dito convẽto per espiçial bula do sãto padre clemẽte setimo presydemte na Igreja de deus | e o dito bpõ mãdou escreuer ysto neste lyu<sup>o</sup> acinco dias doutubro da dita era de 1532 ||

d frd bpo de  
lameguo

(Papeis de S. Vicente de Fóra. Mss. na Bib. Nac. de Lisboa.)

### Egreja do Menino Deus

A egreja do Menino Deus de mantelatas da veneravel ordem terceira de S. Francisco de Xabregas e o hospital annexo para enfermos da mesma ordem foram fundados na epoca de D. João v, tendo o mesmo rei lançado a primeira pedra nos fundamentos do hospital em 4 de julho de 1711, concorrendo com grandes esmolos para a continuação da obra.

A frontaria da igreja não concluída é toda de cantária, e por dentro é de diversos marmores com ornatos e embutidos.

Não soffreu prejuizo pelo terremoto de 1755, devido certamente á solidez da sua construcção, ficando porem arruinadas as enfermarias do hospital e a casa do despacho da ordem terceira.

Nesta igreja se estabeleceu depois d'aquella catastrophe e durante dois mêses a parochia do Salvador, e tambem para ali foram exercer culto em 1757 os conegos da basilica de Santa Maria de Lisboa oriental, e depois pela portaria de 17 de outubro de 1836 estiveram na mesma igreja as duas freguezias annexadas de S. Thomé e Salvador.

Em 1847 ardeu o edificio, que tinha sido hospital, e estava servindo de hospicio.

Em 1865 sendo extincta a ordem terceira, foi a igreja do Menino Deus entregue a uma irmandade com o titulo dos escravos.

Não tem torre, e em um corredor sobre o côro estão collocados quatro sinos.

1.º — Em cima tem faixas lizas sem letreiro, no centro sobre filetes de um lado está a figura de S. Francisco e do lado opposto



em baixo tem cinta liza e nella o nome do fundidôr

PEDRO ROIZ PALAVRA ME FES ANNO 1737

2.º — Tem cintas lizas em cima na corôa do sino e em baixo na borda, não tem letreiros nem emblemas.

3.º — Tem em cima uma cinta com ornamentos, no centro sobre filetes de um lado está uma Cruz ornamentada com peanha, e diametralmente opposta a imagem da Virgem, em baixo na cinta liza e em uma linha está indicado o fundidôr



SANTOS. JOZE. NIHOVL. ME. FECIT.

ANNO. DE. 1747

4.º — Em cima tem faixa ornamentada, no centro circumdam filetes, em baixo cinta liza, não tendo emblemas nem letreirós.

(Continúa.)

J. J. D'ASCENSÃO VALDEZ.



PEDRO ROIZ PALAVRA ME FES ANNO 1737

## Dôis inéditos ácêrca das Ilhas do Fayal, Pico, Flôres e Côrvo

(Continuado da pag. 245)

### I

(Do Manuscrito *Saudades da Terra*, do Doutor Gaspar Frutuôso)

#### **Capitulo do descobrimento da Ilha do Fayal e de seus primeiros e mais antigos povoadores, entre os quaes foi um mais principal chamado Guilherme Silveira, de que procedem os Silveiras.**

Entre muitos não se sabe quem foi o primeiro que descobriô a Ilha do Fayal e segundo diz o douto e curioso João de Barros, na sua Asia, no livro 3.º da primeira década, no capitulo 11, em tempo dos requerimentos de Colon a tinha Jos Dutra ; não sei se quer dizer descuberto, o qual era flamengo de nação, e morador na cidade de Bruges, ducado de Flandres, fidalgo e sênhor de certas villas no mesmo ducado e vindo ter a Portugal, a vêr mundo, como os flamengos costumavam fazer por serem curiosos os d'aquella provincia, que ainda que sejam muito ricos os homens de qualidade têm por costume mandarem seus filhos aprender officios, ou outras manhas boas de tanger e a dançar, fallar linguas e outros exercicios : pelo que chegado Jos Dutra á côrte de Portugal (não sei em tempo de que rei), uns dizem que d'ali veio a descobrir a Ilha do Fayal, a qual achou, e tornando para o reino se casou n'elle ; outros dizem que quando se descobriô a Ilha do Fayal, estava então um clérigo, flamengo de nação, que era capellão do Infante a quem a Infanta, mulher do dito Infante, desejava fazer bem, por ser seu capellão muito tempo e bom homem ; pelo que, com este desejo de lhe pagar seu serviço, disse ao Infante que o fizesse capitão d'aquella ilha, o que fizeram, e passa-

dos seus padrões, caíram como não era possível elle ser capitão, sendo clérigo, que não podia governar justiça; pelo que estando d'isto descontentes lhe perguntou a Infanta se tinha algum parente ou amigo, que puzesse em seu nome e que a renda da igreja seria sua, o que fez o clérigo, e por ser a este tempo Jos Dutra comsigo, mancebo flamengo de nação, criado cavalleiro da casa do dito Infante, como mais largo trata o douto e curioso João de Barros, no livro que fez chamado — Clarimundo — que se conheciam e pouzava com elle, disse o clérigo á Infanta que o fizessem seu capitão e que elle lhe daria a renda e que bem se haveriam, o que a Infanta fez saber ao Infante e lhe passaram d'isto suas cartas e padrões, e feito capitão, estando para se partir, disse a Infanta a suas criadas que já que aquelle homem era capitão, se queriam algumas d'ellas casar com elle, que seria capitão d'aquella Ilha, ao que lhe responderam que não queriam, sómente Isabel (sic) de Macedo vendo que todos diziam que não, disse que ella queria ser a contente: então os casaram e se vieram para o Fayal aonde vivêram e tiveram filhos.

Outros affirmam que por El-Rei ser informado que Jos d'Utra era fidalgo e pessoa principal em Flandres, e vinha a vêr o reino de Portugal, por sua curiosidade, o casou com uma sua dama chamada Francisca Côrte Real, outros dizem — o que é mais certo — que havia nome de Beatriz de Macedo, de que procedem os Macedos d'esta Ilha de S. Miguel e Guiomar Botelho, mulher de João Mendes Pereira, irmão de Antonio Mendes Pereira e filho de Nuno de Macedo, que foi filho do dito capitão do Fayal, e por assim casar a Beatriz de Macedo com este capitão Jos d'Utra, lhe deu o Infante em casamento a capitania da Ilha do Fayal e a Ilha do Pico, que ainda então estava por povoar, mas achadas não se sabe por quem e são varios pareceres, se por Gonçalo Velho, Commendador d'Almourol, se pelo mesmo Jos Dutra ou por quem.

Estando estas duas Ilhas do Fayal e Pico descobertas, mas não povoadas, sendo muito ermas, com só algum gado, que n'ellas deitaram os primeiros descobridores ou os moradores da Ilha Terceira e da de S. Jorge, que primeiro foram descobertas antes de haver gente no Fayal, veio do reino, um homem de boa vida, ermitão, que pela saber mais solitaria se foi para a dita Ilha do

Fayal, aonde se poz de assento para n'ella exercitar sua determinação e devoção: estando ali só todo o inverno e no verão iam pessoas da Terceira ás suas fazendas e visitar seus gados, onde então communicavam com este ermitão. Indo lá um verão se achou que por seu modo tinha ordenado uma embarcação; foi perguntado a que fim a fazia? Respondeo que da parte da Ilha do Pico, que é mesmo uma legoa de mar em meio aonde se vê o gado andar pastando, lhe apparecia uma mulher vestida de branco, que o chamava de lá que se fosse ter com ella e que por vêr para si que era Nossa Senhora, queria fazer aquelle barquinho e no qual, forrado de courc, por fóra, determinava passar lá quando ella o chamasse: as pessoas que o ouviram o tiráram d'isso, o mais que poderam; comtudo ida a gente, como se vio só, acabou a obra do barco que fazia, e se metteo no mar sem nunca mais ser achado, nem visto, pelo que esteve por certo que quem o chamava era o Demonio que o enganava e persuadindo-se que era a Virgem Nossa Senhora, foi meio esta capa de Santidade d'este pobre morrer afogado, sem haver mais nova d'elle, nem do barquinho que fazia.

Sendo casado no reino Jos d'Utra com Beatriz de Macedo e feito capitão das duas Ilhas do Fayal e Pico, que ou por as elle achar ou por assim casar, lhe deram em dote, se foi de Portugal a Flandres, aonde tinha seu patrimonio, o qual vendeu lá para vir povoar as ditas Ilhas e capitania d'ellas e desejando trazer gente para as povoar por serem novas e ermas, fallou com muitos e informava muitos de sua nação flamenga e amigos seus para este effeito, promettendo-lhes dar nas mesmas Ilhas quanta terra quizessem e fazer muitos favores com os quaes demoveo a virem alguns dos seus naturaes a ellas.

Outro sim dizem que primeiro veio com sua mulher á Ilha do Fayal, e d'ahi deixando-a na Ilha, se foi a Flandres d'onde trouxe muitos flamengos parentes e amigos, como foram Antonio d'Utra, parente seu e pessoa muito principal, que casou na terra, de que procederam os d'Utras que hoje ha n'ella, e outro Jos

d'Utra, e outro chamado Arnequim, casado com Beta, sua mulher, flamenga, e outro Pitre ou Pita Davosa (? ou Darusa ou Darosa?) com Maya, flamenga de nação, e outro Jorge casado com Margarida Luis (sic) flamenga, e outros a que não soube o nome: este Arnequim dizem era um flamengo valente e determinado. Conta-se d'elle que indo um Corregedor ali, ao Fayal, fazer sua correição conforme a lei d'El-Rei acabado o derradeiro dia dos trinta que por a ordenação lhe eram dados que estejam (sic) em cada Ilha d'aquellas, foi-se este Arnequim ao Corregedor, com outros flamengos, e disse-lhe: «Senhor Corregedor! Já tua mercê tem acabado o teu tempo nas nossas Ilhas do Fayal (sic), vai-te embora logo, não estejas aqui mais, que não te queremos cá:» respondeu o Corregedor que elle não tinha tempo para se ir e, quando o houvesse, se iria: como de effeito não tinha vento para isso: tornaram elles a dizer que se fosse logo, replicou o Corregedor que não tinha vento, como havia de ir sem elle? alevantaram-se elles com grande alvoroço contra o Corregedor e começaram a dizer em altas vozes: «Senhor Corregedor! quéръ ventes, quéръ não ventes, bicha mala fóra de nossas terras» e de tal maneira o puzéram por obra, que foi forçado a recolher-se o Corregedor em uma casa, fechado e não apparecer mais, até que se foi, e, antes de sair, na casa onde estava, fez seus autos e tirou suas testemunhas o mais callado que poude, e mandou-os a El-Rei a Lisboa. Vendo-os El-Rei, mandou logo ao Capitão Jos d'Utra, que lhe prendesse aquelles homens e mandasse presos, o que o Capitão quis pôr por obra, e indo correndo após o Arnequim (este), se virou a elle com uma bésta, que levava, por o Capitão o acossar muito com o cavallo, e virando d'alem d'uma grotta, lhe disse: «Senhor Capitão! Vai-te embóra, deixa-me, senão hei-te matar com esta bésta:» vendo o Capitão isto e que elles andavam todos alvoraçados temeo, e deixou: e escreveu a El-Rei tudo, a que El-Rei respondeu os não prendesse, sómente da sua parte lhes dissesse que fossem ao Reino, o que elles, aconselhados de outros, fiséram, e sendo lá lhes disse El-Rei que não se espantava do que elles fiséram ao seu Corregedor, que era portuguez, e elles flamengos, que não se entenderiam com elle; mas que se maravilhava do que fiséram ao seu Capitão com quem elles viéram e seu natural, flamengo, como elles, como o quiséram matar, não

lhe obedecendo, nem tendo de vêr com elle (sic), ao que respondeu Arnequim: «qués que te diga: — cães com raiva seus donos morda», ao que El-Rei que poucas vezes ria, segundo d'ele se diz, não se poude ter sem se mover a riso, virando o rosto para o outro cabo e passado isto tornou a virar para elles, dizendo-lhes que se fossem muito embóra, para suas casas, mas que outra hora não fizessem mais aquillo: foram-se então com suas provisões d'El-Rei para se não fallar no caso, e por isso dizem agora os do Fayal que são da terra onde se diz: «bicha mala fóra da nossa terra.»

Entre as pessoas que viéram d'aquellas Ilhas n'aquelle principio foi um homem principal, fidalgo n'aquellas partes, e rico, tambem morador na cidade de Bruges aonde o Capitão Jos d'Utra n'aquelle tempo morava, com quem tinha grande comunicação e amizade, e que havia nome Guilherme da Silveira, na lingua portuguesa, que em linguagem flamenga quér dizer Wuglenn-Vahãderagem (1) ou Mulver le nvander agan, ao qual demoveo para vir povoar as duas Ilhas, fazendo-lhe favoraveis partidos e vantagens de dadas (datas) de terras e de tudo o que elle quizésse; e porque Guilherme da Silveira era homem muito catholico e temente a Deus, deu palavra ao Capitão Jos d'Utra de vir viver ás ditas Ilhas e a principal cousa que o moveo, foi porque n'aquelle tempo havia grandes guerras em Flândres, Christãos com Christãos, onde se matava muita gente e como lhe pareciam mal aquellas dissensões e por lhe pedirem, como homem poderoso e néto de Cónde que era, ajuda para a guerra que elle tinha por injusta, por não intervir n'ella deu a palavra que disse ao Capitão Jos d'Utra com o qual se veio a residir em sua capitania com sua mulher e familia, ficando Guilherme da Silveira na cidade de Bruges fazendo-se prestes.

D'ali a um anno, pouco mais ou menos, depois de partido o Capitão, se preparou Guilherme da Silveira para cumprir a palavra que ao Capitão tinha dado, desbaratando e vendendo o que na cidade de Bruges tinha, e como era homem muito rico mandou deitar pregão que todos aquelles que quizéssem vir para a

(1) Willem van der Haghen.

Ilha do Fayal se fizéssem prestes, e elle lhes daria embarcação e todo o mais necessario á sua propria conta para mulher e filhos e criados e sem gastarem cousa alguma do seu d'elles até chegar a ella.

Com este pregão e largo partido que fazia, ajuntou muita copia de gente de todos os officios, pedreiros, ferreiros, tecelões, alfaiates, sapateiros e outros de outros officios mechanicos e homens trabalhadores nos quaes entráram pastelleiros, quero dizer, homens que sabiam fazer pastel, garanal-o e benefical-o como agora se beneficia n'estas Ilhas que n'aquelle tempo n'ellas se não fazia: e este Guilherme da Silveira foi o primeiro homem que fez pastel n'estas Ilhas e o semeou, porque trouxe, quando veio, a semente de Flandres, aonde se fazia, e ainda agora se faz, e entre outros homens, que sabiam do negócio do pastel que com elle viéram, foi um que havia nome Pero Pastelleiro e seu irmão e outro homem flamengo chamado Gouarte Luiz ao qual Guarte Luiz, Guilherme da Silveira teve em sua casa certos annos, com sua mulher e filhos porque lhe semeavam e beneficiavam o pastel.

Este Guarte Luiz teve na Ilha do Fayal muitos filhos e filhas e d'ahi a annos, como se veio a semear pastel para estas outras Ilhas, e n'esta de S. Miguel e por ser cousa rica e de muito proveito, lançou El-Rei de Portugal mão d'isso para que se viesse a fazer quantidade d'elle pelo que se concertou d'ahi a alguns annos com os moradores d'esta Ilha de S. Miguel onde se fazia mais e das outras Ilhas dos Açores, que lhes daria a semente necessaria para o semear e beneficiarem, com a condição que lhe haviam de pagar os lavradores dizimo e vintena, a saber, de cada, desde um, e depois de cada vinte um, em bolos que vem a ser  $14 \frac{1}{2} \%$ : os moradores foram contentes e pagáram sempre estes direitos como até hoje pagão; mas El-Rei não cumprio o que com elles acceitou, senão nos primeiros principios e annos, de que os lavradores foram causa por se resfriarem de o moerem nos engenhos d'El-Rei; porque, com muita cacimba que havia e poucos engenhos d'El-Rei e mau aviamento se lhes perdia o pastel, pelo que queria antes cada um fazer engenho proprio em que moesse o seu; o qual fôro de moer se ficou até agora; e quanto á semente tão pouco a dá El-Rei, de modo que tudo ficou ás portas dos

lavradores: e El-Rei recebe todos os seus direitos por encheio: com pouco tempo ha que um Sebastião Coelho, morador que foi n'estas Ilhas, informando El-Rei, fez que se não tomassem, como d'antes, dos lavradores e mercadores, direitos em pastel senão que lh'os hão de pagar os que o carregão a dinheiro, e indo Bartholomeu Nogueira, por provedor da Ilha de S. Miguel, trouxe provisões d'El-Rei que se pagasse sómente o dizimo da saída e por zelador, por ser Guarte Luiz tão entendido nos negocios do pastel (como tenho dito), vivendo elle na Ilha do Fayal, o mandou El-Rei vir a esta de S. Miguel com encargo de visitar todos os pasteis que n'ella se faziam e por sobre rolda dos Lealdadores com o qual cargo e officio de Lealdador-mór morreu, e viveo por muitos annos na Ilha.

Entre os filhos que teve Guarte Luiz foi um chamado Sebastião Luiz, o qual sendo morto o pae, se foi para Lisboa aonde servio a um homem honrado, que El-Rei mandou por seu feitor a Flandres, e depois de estar lá alguns annos, acabando o tempo da sua feitoria, veio a Lisboa dar sua conta, como é costume, em que o alcançou El-Rei em divida de muita somma de dinheiro, de modo que não tinha com que lhe pagar tanta quantidade, e andava muito agastado, dizendo elle que não gastára a fazenda d'El-Rei nem lh'a tomára e que sempre fizéra seu officio inteiramente com muita verdade e não sabia aquelle erro onde estava: andando assim agastado, sem vêr remedio nem se saber determinar, ia á casa dos contos aonde dava sua conta e com elle Sebastião Luiz, seu criado, que como era moço experto, e de bom juizo, vendo as contas que os contadorees tomavam a seu amo disse que não iam certas, e se lhe quizesse deixar-lh'as fazer com os contadores, esperava em Deus de o livrar, que náda ficasse devendo: porfiando o amo com elle, como podia fazer aquillo, pois elle mesmo e outros lhe não podiam dar cabo; como poderia elle dar sendo (sic); todavia lhe deixou fazer as contas com as quaes se houve tão bem Sebastião Luiz e teve tanta habilidade que as veio a acabar sem seu amo ficar devendo cousa alguma a El-Rei, com que o amo ficou muito honrado e galardoado com mercês que Sua Alteza lhe fez e por El-Rei vêr a habilidade de Sebastião Luiz lhe deu uma feitoria para a cidade de Goa onde o servio muitos annos na India e depois que veio dar ao Reino suas con-

tas, foram taes e tão boas que o tornou El-Rei a mandar á India com cargo de contador-mór onde esteve muito tempo, até que lá falleceu muito honrado e rico, deixando sua fazenda a parentes seus, a quem tambem em vida fazia bem, por não ser casado.

(*Continua*).

A. FERREIRA DE SERPA.

---

ACTA N.º 59

Sessão de Assembleia Geral de 29 de Abril de 1911.

Presidente — O Secretario Mattos Sequeira.

Secretario — João Rodrigues Fernandes.

» — Luiz Bettencourt.

Foi aberta a sessão ás 9 horas e um quarto da noite, estando presentes, alem da mesa, os dignos socios srs. Nogueira de Brito, Silva Leal, Mena Junior, Julio Ferreira, Santos Ferreira, Jacintho Bettencourt e D. José Pessanha. Leu-se em seguida a acta que foi approvada e depois uma carta do sr. Presidente conselheiro Loureiro, declarando não poder comparecer, por falta de saude. Leram-se em seguida duas propostas para socios correspondentes, as quaes não foram votadas por lhes faltar, como é do estatuto, o parecer da Direcção, reservando-se por isso essa votação para a proxima sessão.

Sobre o assumpto da impressão do Boletim, feito á custa da Associação, permutaram-se differentes alvitres na Assembleia que resolveu, por fim, entregal-o á Direcção, para ella deliberar e resolver como melhor entendesse, tendo tomado a palavra os srs. Pessanha, Silva Leal, Jacintho Bettencourt e Santos Ferreira.

Finda esta materia, foram propostos e approvados dois votos de sentimento pelo falecimento do vice-secretario da Assembleia Geral Alfredo Maria da Costa Campos, do ex-socio e distincto bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz, associando-se a elles.

com sentidas palavras, em nome da Direcção, o seu presidente, sr. D. José Pessanha — tendo o presidente da assembleia proferido tambem algumas palavras elogiosas á memoria dos dois extinctos.

Seguidamente o sr. Julio Ferreira communicou á assembleia o oferecimento feito ao museu de seis dos antigos cofres do Erario, ali mandados colocar, por gentil interferencia do sr. Luiz Sanches, a quem a assembleia votou uma menção de louvor. O mesmo digno socio communicou tambem estarem á disposição do museu as campas que se encontraram na demolição da antiga igreja dos Anjos, ficando o mesmo sr. encarregado de, officiosamente, pelo architecto da Camara, tratar da sua remoção para o museu.

Seguidamente o sr. D. José Pessanha, tomando a palavra, communicou á assembleia, que seria muitissimo interessante que a Associação se pronunciasse sobre a definição do estilo a que pertence a igreja do mosteiro de Alcobaça, que uns auctores dizem ser romanico e outros ogival. Este assumpto poderia servir de thema a discutir em uma sessão proxima, tornando interessantes, por este modo, as nossas sessões de estudo.

Como, depois desta communicação, não houvesse mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão, eram 10 horas e meia da noite.

O Secretario,

GUSTAVO DE MATTOS SEQUEIRA

---

#### ACTA N.º 60

Sessão de Assembleia Geral de 31 de Maio de 1911.

Na sala das sessões do Museu do Carmo, pelas 9  $\frac{1}{2}$  da noite, reuniu-se a Assembleia Geral desta Associação, estando presentes os socios srs. D. José Pessanha, Nogueira de Brito, Julio A. Ferreira, Jesuino A. Ganhado, Jacintho Bettencourt, Antonio C. Mena Junior, Victor Ribeiro, José Ferreira Braga, Afonso

Ornellas, G. L. Santos Ferreira, José Joaquim Ascensão Valdez, J. Rodrigues Fernandes, Luiz Bettencourt e Eduardo da Rocha Dias, sob a presidencia do socio sr. Ascensão Valdez, secretariado pelos srs. Nogueira de Brito e Jacintho Bettencourt.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constava do seguinte :

1.º — Uma carta do General Conselheiro Adolpho Loureiro, lembrando o officio que deve fazer-se para o Director das Obras Publicas, pedindo os objectos do Convento das Francezinhas que possam passar para o nosso Museu e manifestando o desejo de que fosse proposto socio o sr. Dr. Antonio Mesquita de Figueiredo, cujos trabalhos menciona.

2.º — Outra carta do mesmo senhor, participando que, por doença não póde comparecer. Communica a sua oferta de varios livros de que é auctor e exprime o desejo de que se consigne na acta a nossa satisfação e agradecimento ao sr. ministro das Finanças, por, na inauguração do Museu de Mafra, haver dito ser sua intenção denominar tres das sãlas daquelle Museu, com os nomes de tres notabilidades archeologicas e artisticas, os srs. Possidonio da Silva, Sousa Viterbo e Filippe Simões, nossos illustres consocios fallecidos. Alvitra tambem que seja apreciada a nova legislação sobre a Arte e a Archeologia, patenteando-se bem o quanto a nossa Associação deseja concorrer com todos os governos para bem daquelles serviços. Refere-se ao Convento das Francezinhas, sobre o que diz estar em via de conseguimento o desejo por elle manifestado na sua carta anterior.

3.º — Uma carta do sr. Visconde da Torre da Murta, desculpando-se da sua falta por doença.

4.º — Identica carta do sr. Ernesto da Silva.

5.º — Um convite do Atheneu Commercial de Lisboa para a sessão da Grande Commissão da Homenagem a Camões effectuada a 20 do corrente.

6.º — Officio da Commissão executiva da Homenagem a Camões, communicando a sua constituição e esboçando o programma desses festejos commemorativos. O sr. Presidente pede, e são aprovados votos de sentimento pelas doenças dos nossos socios que as participaram, e um voto tambem de profundo agradecimento ao nosso digno e illustre Presidente sr. Conselheiro Adol-

pho Loureiro, pelas constantes e inequívocas provas de dedicação que tem sempre dado pelo engrandecimento desta Associação.

Seguidamente pede a palavra o sr. Victor Ribeiro, que, a proposito da manifestação ao sr. Ministro das Finanças, lê um muito bem elaborado relatório sobre os trabalhos e conclusões a que se chegou, quando do congresso de turismo, de que elle foi um dos relatores e conclue as suas brilhantes considerações por propôr:

1.º — Um voto de agradecimento ao sr. Ministro das Finanças;

2.º — A criação de uma comissão, que trate mui especialmente da conservação de todas as reliquias e monumentos archeologicos;

3.º — Obtenção das reliquias do convento das Francezinhas;

4.º — Obtenção das reliquias do convento da Madre de Déus;

5.º — Votos de louvor á Commissão do Centenario da Guerra Peninsular e á Camara Municipal de Lisboa, por terem estas entidades provado o seu amor e culto pela catalogação e respectiva organização de museus de tudo o que disso fôr digno.

O sr. major Santos Ferreira, como membro da Commissão do Centenario da Guerra Peninsular, agradece.

O sr. Mena Junior propõe um voto de louvor ao nosso consocio sr. Ganhado pelo seu brilhante trabalho para a execução das plantas de Lisboa, expostas na Camara Municipal.

O sr. Ganhado diz que, não querendo ser desagradavel ao sr. Victor Ribeiro, discorda comtudo da sua proposta de voto de louvor á Camara Municipal, por quanto esta collectividade apenas consentiu na exposição das plantas de Lisboa, na sua escada, não lhe tendo de nenhum outro modo manifestado o seu apreço pela referida exposição das plantas de Lisboa.

O sr. D. José Pessanha propõe que a comissão alvitrada pelo sr. Victor Ribeiro se occupe tambem da fiscalisação e reorganisação dos serviços de Archeologia e consigna a sua satisfação por ter entrada no Conselho dos Monumentos Nacionaes um delegado desta Associação.

O sr. Rodrigues Fernandes propõe e é approvedo, que a comissão a que se vem referindo fique composta pelos srs. Conselheiro Loureiro, D. José Pessanha, Rosendo Carvalheira e Victor Ribeiro.

O sr. Ganhado diz que o seu trabalho está ainda incompleto, pelo que se declara desgostoso.

O sr. Victor Ribeiro propõe e é approved que esta Associação trate de obter da Camara que o sr. Ganhado seja occupado quasi exclusivamente na confecção da planta da antiga Lisboa. Tudo approved.

Entra-se depois na 1.<sup>a</sup> parte da ordem da noite, que é a votação para socios correspondentes desta Associação dos srs. René Droz, A. A. Vorsterman Van Oyem, Carlos de Mesquita e Francisco Manuel Alves. Depois de lido o parecer da Direcção sobre estas candidaturas e procedendo-se á votação por esferas, foram os mencionados srs. votados por unanimidade.

A 2.<sup>a</sup> parte da ordem da noite era a communicacão do sr. major Santos Ferreira, o qual fez uma demorada e interessante exposicão ácerca da descoberta que julga ter feito da leitura das inscrições monetarias e lapidares até agora chamadas ibericas e celtibericas. Em sua opiniao essas inscrições são todas chaldaicas como tambem o é a da placa de chumbo de Castellon de la Plana, existente no Museu Archeologico de Madrid. O sr. major Santos Ferreira, depois desta exposicão summaria, descreveu pormenorizadamente a razão da sua tentativa e o seu methodo de estudo. Examinando com interesse a celebre inscrição de Mesha, o moabita, descoberta em Dibon em 1868 e actualmente no Museu Britanico, foi impressionado pela accentuada dissimilhança que se nota entre a forma dos caracteres phenicios daquella inscrição, em relação aos caracteres samaritanos, rabbinicos e hebraicos-classicos, que todos serviam para a escripta de uma mesma lingua. Pareceu-lhe dever concluir de tal dissimilhança, que elles, ou alguns delles não representavam elementos phoneticos, antes elementos criptographicos. O conhecimento que tem dos trabalhos do Dr. Young e de Champollion influiram naturalmente para esta conclusão.

Pensou então em lêr, no original, e com a maior attenção, aquella passagem de Daniel em que se descreve o festim de Balthazar; nessa leitura se avigorou a sua ideia, pois se lhe tornou evidente que a leitura feita pelo joven hebreu foi tão sómente a interpretação de palavras escriptas em cifra. Demais, na «Cyclo-pedia» do dr. Eadie encontrou ideias que corroboram aquella.

Não destoando, em geral, a fôrma dos numerosísimos caracteres chamados ibericos e celtibericos, da dos caracteres phenicios, menos repugnante se lhe tornou a ideia de admittir que elles fossem apenas elementos de varios systemas de criptographia hebraica; tanto mais que é accentuadissima a differença entre os cuneiformes e os copticos.

Tinha na mente as palavras com que o conego Aldrete quiz demonstrar nas suas «Antiguidades de España» que elementos de origem semitica tinham presidido á denominação geographica de certos logares da Peninsula, e que era sem fundamento que muitos julgavam hoje terem essas denominações o seu etymo no arabe dos dominadores do VIII seculo. Analogia teem ellas, é certo, com a lingua arabica, mas tão sómente pelo facto do arabe se derivar do hebreu.

Citou em abono desta ordem de ideias de Aldrete o facto de haver lido em Ocampo a narrativa de uma batalha ferida entre certo rei de Oviedo e o rei de Leão, ahí pelo seculo IX, nos campos de Máfara, junto a Corunha, quando é certo que os arabes jámais occuparam aquelle territorio, e que nessa occupação querem muitos encontrar a razão etymologica de igual nome da bem conhecida villa da nossa Extremadura.

Por outro lado ainda, — este agora de ordem sentimental — ao seu coração era grata a ideia de que a civilização do occidente da Europa alguma coisa devesse á influencia de povos da lingua hebraica. Decidiu-se portanto, a tentar a leitura das legendas e inscripções da collecção de Florez «Medallas de España», suppondo-as préviamente como criptographias do hebreu.

Foi enorme o seu trabalho mental, mas ao fim de dois dias tinha conseguido organizar dois alphabetos, mediante os quaes toda a pessoa que conheça um pouco de hebraico, póde ler, sem hesitação ou duvida, aquellas inscripções.

Examinando depois as legendas da placa de Castellon e outras lapidares de Portugal, como a de Bensafrim, etc.; teve occasião de organizar mais dois alphabetos que as interpretam.

Está, portanto, convencido de haver conseguido o fim a que se propoz; mas deseja que esse convencimento seja confirmado por uma commissão de pessoas competentes; e competentes para este caso, são todas as que conhecem a lingua hebraica.

Espera que a Assembleia, que bem comprehende o alto interesse desta descoberta, se dignará acceder aos seus desejos, e procurar entre os nossos associados, ou fóra delles, quem compo- nha essa commissão, cujo parecer — é esse o seu maior desejo — poderá ser apresentado na proxima sessão mensal.

Finda esta communicação que toda a Assembleia coroou com uma prolongada salva de palmas, por ser dos assumptos mais importantes, senão o mais importante, que nesta sala se tem tratado, ficou assente, que a Direcção representada pelo sr. D. José Pessanha, se encarregasse da formação da Commissão pedida pelo sr. major Ferreira, para que na proxima sessão mensal possa este assumpto ter resolução definitiva.

O sr. Ganhado, pelo adeantado da hora, pede e é approvedo, que a sessão se suspenda, o que se fez, para continuar no dia 7 com a 3.<sup>a</sup> parte da ordem da noite — leitura do relatorio da bibliotheca. — Eram 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> da noite.

O Secretario,

JACINTHO BETTENCOURT

---

ACTA N.º 61

Sessão de Assembleia Geral em 7 de Junho de 1911, estando presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs. D. José Pessanha, Julio A. Ferreira, Jesuino Ganhado, José Queiroz, Henrique de Campos Ferreira Lima, José Ferreira Braga, Antonio Cesar Mêna Junior, Francisco Soares O'Sulivand, Eduardo da Rocha Dias, Rosendo Carvalheira e J. d'Albuquerque Bettencourt.

Aberta a sessão ás 9 horas e 20 minutos da noite assumindo a presidencia o Sr. Ascensão Valdez, secretariado pelos srs. J. Rodrigues Fernandes e Nogueira de Brito, foi lido o expediente que constava de cartas do Illustre presidente da Assembleia Geral Conselheiro Adolfo Loureiro e do sr. Ernesto da Silva, justificativas da sua ausencia. Passou-se então á ordem da noite —

Leitura do Relatorio da Bibliotheca—O sr. Julio A. Ferreira, que lê o mesmo na sua qualidade de Bibliothecario, salientando a importancia das varias obras que haviam dado entrada, alargando-se em apreciações judiciosas, á forma por que os serviços da sua gerencia tem sido executados, não occultando porém o seu desanimo pelo facto de nem sempre as suas iniciativas obterem o exito formal que seria para desejar, enaltece as elevadas qualidades do seu antecessor, o sr. Visconde da Torre da Murta, terminando a sua exposição pedindo que na acta se exarasse um voto de louvor e agradecimento ás pessoas que contribuíram para o engrandecimento e progresso da Bibliotheca a seu cargo. A assembleia sublinhou com applausos algumas das passagens mais interessantes do relatorio, sendo proposto pelo presidente da assembleia, o lançamento na acta dum voto de congratulação pela forma como o sr. J. A. Ferreira se tem desempenhado da sua missão, o que é approved por aclamação.

O sr. José de Queiroz dá á assembleia a agradavel noticia de que o Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Finanças, não limitando o seu amor á arte nacional ao facto de designar tres das salas do Museu de Mafra com os nomes de *Filippe Simões*, *Possidonio da Silva* e *Sousa Viterbo*, leva mais longe a sua iniciativa, tencionando cognominar a *Sala dos Modelos* do mesmo museu *Sala Machado de Castro*.

O sr. Rosendo Carvalheira, usando da palavra, folga, diz, com o que acaba de ouvir, pedindo porém permissão para que manifeste o seu profundo desgosto pela simples consagração do nome de Sousa Viterbo, collocado numa sala do museu e depois de pôr em relevo a portentosa obra deste benemerito *escavador archeologico*, expende a opinião de que deveria ser posta a um museu a designação deste illustre homem. O sr. Queiroz, objectando, declara que o facto de se não ter até agora cumprido esse dever, tem a sua notavel explicação no que se refere ao museu de Mafra, por isso que houve desejo, no que concorda, de que o nome designativo antigo fosse conservado, o que não impediria decerto que a surgir a oportunidade fossem satisfeitos os desejos justissimos do sr. Carvalheira, que por seu turno se congratula com a nomeação do sr. Queiroz, para Conservador do museu de Arte antiga, resolução que vem confirmar os merecimentos de S.

Ex.<sup>a</sup> para questões artisticas. Nesta altura o sr. O' Sulivand justifica a ausencia do sr. Adães Bermudes.

E' dada novamente a palavra ao sr. Carvalheira que, baseando se em informações particulares, e nas noticias dalguns jornaes, se refere ao facto de haverem sido retirados dos seus logares na Bibliotheca Nacional os retratos de varias individualidades que vincularam o seu nome ás paginas do passado pelo seu autentico valor, e ainda a deslocação da bella estatua da Rainha D. Maria 1. Verbera com termos calorosos o proceder do Director da Bibliotheca que não teve duvida em antepôr o seu exagerado facciocismo politico ao duplo valor desses objectos, cuja significação se impunha ao espirito de todos os homens cultos não só pelo que representavam no campo puramente artistico, como ainda pela evocação singularmente comprehensivel dos seus nomes illustres que nos legaram ou as producções da sua intellectualidade ou a iniciativa de obras que devem perdurar no espirito de individualidades esclarecidas. Reserva-se o direito de mais detidamente tratar do assumpto, quando para isso lhe sobrem elementos mais seguros para o fazer, entendendo que a associação tem o direito e o dever de interferir em casos destes, quando mais não seja para que possa ser a guarda de antiguidades artisticas que os outros repudiam.

O sr. Ascensão Valdez declará que os quadros a que se referiu o sr. Carvalheira, estão perfeitamente ao alcance de serem observados, e no que diz respeito á estatua da Rainha, lhe constava haver o intento de a incorporar no Museu de Bellas Artes.

O sr. D. José Pessanha declara que a ordem de ideias explanadas pelo sr. Carvalheira, cabe perfeitamente nos limites das propostas apresentadas pelo sr. Victor Ribeiro, na antecedente sessão, podendo, po s, serem discutidas todas as exposições congeneres. conjunctamente com ellas.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão. Eram 11 horas e 1 quarto da noite.

O Secretario,  
NOGUEIRA DE BRITO.

## ACTA N.º 62

Sessão de 30 de Junho de 1911.

Presidente — Rosendo Carvalheira.

Secretario — Antonio Cesar Mena Junior.

» — J. Rodrigues Fernandes.

Foi aberta a sessão pelas 9 horas da noite, sob a presidencia do sr. Rozendo Carvalheira, secretariado pelos srs. Mena Junior e Rodrigues Fernandes, achando-se presentes alem da mesa, os srs. Nogueira de Brito, D. José Pessanha, Eduardo Rocha Dias, José Ferreira Braga, Luiz d'Albuquerque Bettencourt, Affonso Dornellas, Jacinto d'Albuquerque Bettencourt e G. L. Santos Ferreira, mandando o sr. presidente ler a acta da sessão anterior que foi approvada e de seguida lendo-se o expediente.

O sr. Presidente referindo-se ao sr. Santos Ferreira, com palavras de muito elogio, disse que sentia muito não ter podido assistir á ultima sessão em que s. ex.<sup>a</sup> fizera uma interessante comunicação, como de resto eram todas as do illustrado consocio.

O sr. Santos Ferreira, tomando a palavra agradeceu ao sr. Carvalheira, começando por dizer que em tempo quando tratou das inscrições da Batalha — *tāya serey* — assumpto que tambem já havia sido tratado por D. Carolina Michaelis e pelo sr. general Brito Rebello, dissera que lhe parecia ser o seu trabalho o melhor pela dedução logica e intuitiva do pensamento que aquellas letras representavam.

Que depois de se tornar este seu trabalho conhecido e do dominio publico, fallou-se no caso, e o sr. Christovão Ayres disse, que num livro descoberto na bibliotheca de Vizeu, que parece pertencera a D. Duarte, se encontrava numa illuminura aquelle mote, suppondo-se que fora este mesmo rei o seu auctor; por tanto que quem tinha razão na questão ultimamente ventilada era o sr. Brito Rebello.

Dias depois encontrando-se o sr. Santos Ferreira com Christovão Ayres dissera-lhe que aquella asserção era gratuita; porque sua ex.<sup>a</sup> como se não dedicava a assumptos daquella ordem não tinha auctoridade nem competencia para fazer uma tal affirmativa.

Continuando o sr. Santos Ferreira a sua interessante palestra sobre inscrições, narrou o que se havia passado no encontro que teve com o sr. Benoliel, assistindo tambem o sr. D. José Pessanha á conferencia entre os dois, que não dera resultado como de antemão já suppunha. Accrescentou que estava convencido pelo que havia já estudado a respeito dos caracteres cryptographicos, não restar a menor duvida sobre o exito do trabalho que ha um mez apresentara em sessão. Então, como tivera pouco tempo para estudal-o, ainda vinha vacillante; mas agora tinha a plena convicção de que a chave para a leitura de qualquer inscrição estava achada. Sobre o assumpto não tinha duvidas; passando a ler com extrema facilidade uma inscrição que o consocio sr. Valdez lhe apresentou.

Pede que todos os associados conservem de pé o juizo que d'elle fizeram na sessão passada, até conseguir uma conferencia com individuo judaico que não seja rabino ou não tenha antecipadamente conceito formado sobre o assumpto; porque está seguro do exito do seu trabalho e estudo.

Explana-se ainda em varias e interessantissimas considerações sobre esta importante questão, referindo-se por vezes com muita graça a peripecias que mais ou menos se acham ligadas a ella, principalmente na que diz respeito aos rabinos.

O sr. presidente exaltando o trabalho do sr. Santos Ferreira propõe um voto de congratulação pelas communicações de s. ex.<sup>a</sup>, desejando que as ideias se concretisassem na exposição duma these para se publicarem no Boletim, e que essa memoria fosse tambem escripta em francez, para ser enviada ás academias estrangeiras, pois acha o assumpto duma tão alta importancia que entende dever-se compilar e dar corpo a um estudo e trabalho de tamanho alcance e valia, que encerra a chave dum passado historico de inapreciavel apreço.

Por fim o sr. D. José Pessanha, referindo-se á conferencia do sr. Santos Ferreira e Benoliel a que assistira, corroborou o que sobre o motivo della já tinha explicado á assembleia o sr. Santos Ferreira; sendo em seguida levantada a sessão pelas 11 horas da noite.

O Secretario,

J. RODRIGUES FERNANDES.

Publicações entradas na Bibliotheca da Associação dos Archeologos Portuguezes,  
desde 1 de Abril a 30 de Junho de 1911,  
que se agradecem com o devido reconhecimento

- 1 Antes e depois da batalha do Bussaco — factos e homens dessa epoca memoravel — por Brito Aranha — Academia das Sciencias de Lisboa — Lisboa — Por ordem e na Typ. da Academia — 1910 — 1 folh. — ill. — 228 × 153. Offerta com dedicatoria autographa do auctor, nosso illustre consocio.
- 2 Bibliotheca Publica Municipal do Porto — Collecção de manuscritos ineditos agora dados á estampa — III *Fastigimia* — por Thomé Pinheiro da Veiga (Turpin) — Composto e impresso na Typ. Progresso — Porto — 1911 — 1 vol. br. — 241 × 165 — Offerta da Bibliotheca da Porto.
- 3 Breves Memorias para a historia e descripção de Ois do Bairro no concelho de Anadia — Coordenadas por José Joaquim d'Ascensão Valdez — Separata do Instituto — Coimbra — Imp. da Universidade — 1901 — 1 folh. — 252 × 198. Offerta com dedicatoria autographa do auctor, nosso illustre consocio.
- 4 Futuro (O) dos Povos Catholicos — Estudo de Economia Social — por Emilio de Laveye — Traduzido do francez pelo Dr. Miguel Vieira Ferreira — quinta edição prefaciada — tiragem especial a expensas da Mocidade Protestante Portugueza — Porto — Typ. de J. S. Mendonça — 1900 — 1 folh. 233 × 167. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 5 Geneologia das familias portuguezas na India — Conde dos Arcos — Conde de Villa Flor — Conde de S. Vicente — Conde de Rezende — por Francisco Mourão Garcez Palha — Nova Goa — Typ. da Casa Luso Franceza — 1904 a 1905 — 4 folh. — 212 × 152.
- 6 Historia da Arte — o seu ensino no Lyceu de Coimbra (Relatorio) — por Luiz G. Teixeira Neves — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1911 — 1 folh. — 233 × 153. Offerta do Ex.<sup>mo</sup> auctor.
- 7 Historia (A) da Conjuração de Catilina e da Guerra de Jugurtha — por Salustio — litteralmente traduzida em Portuguez sobre a edição de Gottlieb Cortins — por Miguel Le Bourdiel — Lisboa — Na Impressão Regia — 1820 — 1 vol. enc. — 150 × 105.
- 8 Historia da Secca no Ceará — 1877 a 1880 — por Rodolpho Theophilo — Fortaleza — Typ. do Libertador — 1883 — 1 vol. ill. e br. — 215 × 145.
- 9 Homem (O) prehistorico — por Jaborowsky — traducção de José Antonio Vieira Marques — Com uma advertencia do traductor — Braga — Typ. de J. M. S. Cruz — 1906 — 1 vol. br. — 204 × 140. Offerta com dedicatoria autographa do auctor, nosso illustre consocio.
- 10 Liberdade (A) da pesca — Conferencia realisada na Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa — por M. J. Martins Contreiras — Typ. do Commercio — 1910 — 1 folh. — 218 × 160.
- 11 Livro de critica — Arte e Litteratura Portugueza d'hoje — 1668 - 1869 — Segundo livro de critica — (Livros, quadros e palcos) — por Luciano Cordeiro — Porto — Typ. Lusitana — 1869 a 1871 — 2 vol. br. — 188 × 123. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 12 Manuel Bento de Sousa — Elogio historico recitado da sessão solemne commemorativa, celebrada pela Associação dos Medicos Portuguezes, na noite de 23 de Novembro de 1899 — por Joaquim Alves Crespo — Lisboa — Typ. do *Dia* — 1899 — 1 folh. — 226 × 153. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 13 Medicos Poetas — por Sousa Viterbo — Separata dos Archivos de Historia da Medicina Portugueza — Porto — Typ. da Enc. Port. Illustrada — 1911 — 1 folh. — 230 × 158. Publicação posthuma, offerta com dedicatoria autographa da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Sousa Viterbo.
- 14 Memorias de Turquel — por José Diogo Ribeiro — Porto — Typ. Universal — 1908 — 1 vol. br. e ill. — 173 × 110. Offerta do Ex.<sup>mo</sup> auctor.
- 15 Ordem (A) de Calatrava — Excerto historico — por Nogueira de Brito —

- Separata do Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes — Lisboa — Typ. do Commercio — 1911 — 1 folh. — 266 × 179. Offerta com dedicatória autographa do auctor, nosso illustre consocio.
- 16 Portos (Os) Maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes — por Adolpho Loureiro — Vol. V, parte I — Archipelago da Madeira — Lisboa — Imp. Nacional — 1910 — 1 vol. ill. e br. — 253 × 158. Offerta do auctor, nosso illustre Presidente.
- 17 Portugal — Discurso commemorativo da sua Restauração em 1640 — recitado na Sé Patriarchal de Lisboa em o dia 1.º de Dezembro de 1891 — pelo Presbitero Francisco Martins — Coimbra — Imp. da Universidade — 1892 — 1 folh. — 217 × 147.
- 18 Rasão, Fé, Oração — (tres cartas) — por Léon Tolstoi — trad. de Marianna Carvalhaes — Lisboa — Typ. de F. L. Gonçalves — 1902 — 1 folh. — 185 × 119. Offerta do nosso Bibliothecario.
- 19 Silverio Augusto Pereira da Silva — Elogio historico pelo socio João da Costa Couraça — Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes — Lisboa — Imp. Nacional — 1911 — 1 folh. — illust. — 231 × 148. Offerta com dedicatória do Ex.º auctor.
- 20 Subsídios para a historia da musica em Portugal — A musica Sagrada em diversas terras do Reino — Separata do Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes — por Francisco Marques de Sousa Viterbo — Lisboa — Typ. do Commercio — 1911 — 1 folh. — 252 × 172. Offerta com dedicatória autographa da Ex.ª Sr.ª D. Sophia de Sousa Viterbo.
- 21 Visita a Madrid — por Costa Goodolphim — Lisboa — Typ. Universal — 1841 — 1 vol. enc. — 2319 × 153. Offerta do nosso Bibliothecario.

**Publicações offerecidas pelo Sr. Rocha Dias, nosso illustre e benemerito consocio**

- 22 Almanach Familiar — para os annos de 1853 a 1869 — Composto pelo P. Vicente Ferreira, calendarista da extincta Congregação do Oratorio — para os annos de 1870 a 1883 — pelo P. João Maria Pinto da Gama — Lisboa — Imp. Nacional — 1852 a 1869 — 31 vol. cart. — 120 × 85.
- 23 Annuario Portuguez — scientifico, litterario e artistico — por João José de Sousa Telles — primeiro anno — 1863 — Lisboa — Typ. Universal — 1864 — 1 vol. ill. e enc. — 220 × 136.
- 24 Anthropologie (L') — Bibliothéque des Sciences Contemporaines — par le Dr. Paul Topinard — avec préface du Professeur Paul Broca — Paris — Typ. A. Hennuyer — 1877 — 1 vol. ill. e enc. — 178 × 110.
- 25 Biographias ou factos historicos das vidas de reis, rainhas, principes, titulares, medicos, advogados, militares, artistas, oradores religiosos, santos, etc. — á venda na livraria de Pereira da Silva & C.ª — Lisboa — 1903 — 1 vol. br. — 230 × 170.
- 26 Braga antiga e moderna — por José Carlos de Araujo Matta Junior — Braga — Typ. Popular — 1898 — 1 folh. — 180 × 120.
- 27 Catalogo das obras á venda na Typographia da Academia Real das Sciencias — (1779-1904) — Annexo á obra «As publicações da Academia Real das Sciencias de Lisboa» — por Alberto Alexandre Girard — Lisboa — Por Ordem e na Typ. Academica — 1905 — 1 vol. br. — 164 × 112.
- 28 Catalogo official dos objectos enviados á Exposição Industrial Portugueza em 1888 — precedido de uma Memoria ácerca das construcções e ornamentos navaes e dos estabelecimentos de ensino que lhes dizem respeito — elaborada por José Candido Corrêa — Ministerio da Marinha e Ultramar — Lisboa — Imp. Nacional — 1888 — 1 vol. br. — 232 × 159.
- 29 Commentario critico sobre a advertencia do 4.º volume da Historia de Portugal de A. Herculano e carta annexa de Pasqual de Gayangos — por Antonio Caetano Pereira — Lisboa — Imp. Nacional — 1853 — 1 vol. br. — 227 × 143.
- 30 Compromisso da Irmandade da Santissima Virgem Nossa Senhora da Vida, erecta na Egreja do Divino Espirito Santo, situada na muito nobre Villa de Alcochete, a qual instituiu de novo Nuno Alvares Pereira Velho de

- Moraes e os mais irmãos da dita Confraria, no anno de 1672 — Lisboa — 1900 — 1 folh. — 225 × 153.
- 31 Congresso Colonial Nacional — Contribuição para o estudo da Região de Cabinda — Memoria apresentada por João de Mattos e Silva — Lisboa — Typ. Universal — 1904 — 1 vol. ill. e br. — 251 × 161.
- 32 D'ccionario Abreviado da Fabula — para intelligencia dos poetas, dos paineis, e das estatuas cujos argumentos são tirados da Historia Poetica — por Mr. Chompré — agora traduzido do francez em portuguez — Lisboa — Na Regia Officina Typographica — 1789 — 1 vol. enc. — 194 × 137.
- 33 Exposição districtal de Coimbra em 1884 — Revista — Conferencias — premios — Coimbra — Imp. da Universidade — 1885 — 1 vol. br. — 190 — 150.
- 34 Fac-Similes das assignaturas dos Senhores Reis, Rainhas e Infantes, que teem governado este Reino de Portugal, até hoje — copiados de varios documentos originaes, existentes no Archivo Real, ou Cartorio de todo o Reino, chamado Torre do Tombo — e aditamento — pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa — Lisboa — Imp. Nacional — 1848-1851 — 2 folh. ill. — 210 × 158.
- 35 Guia do caminho de ferro do Minho — (de Nine a Valença) — por Figueiredo da Guerra — Coimbra — Imp. da Universidade — 1879 — 1 folh. — 160 × 115.
- 36 Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes — Porto — Typ. F. G. da Fonseca — 1864 — 1 vol. ill. e br. — 188 × 121.
- 37 Guia itinerario do visitante de Lisboa — em commemoração do IV Centenario da Descoberta da India — 1498-1898 — Lisboa — 1 folh. — 148 × 110.
- 38 Guia do viajante nos caminhos de ferro ao norte do Douro — por Julio Cezar d'Abreu Nunes — Porto — Imp. Port. — 1879 — 1 vol. br. e ill. — 190 × 120.
- 39 Guttemberg! — monologo em verso — por José da Silva Mendes Leal — Offerecido á Associação Typ. Lisbonense para ser recitado pelo actor João Anastacio Rosa, no beneficio da mesma Associação, realizado no Theatro de D. Maria II, em 1 de Novembro de 1866 — Lisboa — Imp. Nacional — 1866 — 1 folh. — 230 × 154.
- 40 Indice alphabetico e remissivo dos trabalhos parlamentares das Côrtes Geraes da Nação Portugueza — Primeira e segunda legislaturas da primeira epocha Constitucional (1821-1832) — tomo I — colligido e coordenado sob a direcção de Antonio Corrêa de Lacerda e João Ignacio Tavares — tomo II — primeira legislatura da segunda epocha Constitucional (1826-1828) — colligida e coordenada sob a direcção de Antonio Tavares de Albuquerque — Lisboa — Imp. Nacional — 1901 a 1903 — 2 vol. enc. — 278 × 178.
- 41 Indice chronologico das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo XV — Lisboa — Imp. Nacional — 1841 — 1 vol. br. — 196 × 126.
- 42 Mouvement (Le) économique en Portugal et le Vicomte de San Januario — par Eugène Gibert — Paris — 1881 — 1 folh. ill. e br. — 281 × 184.
- 43 Museu Colonial e Ethnologico da Sociedade de Geographia de Lisboa — Indices iniciais para catalogação — Lisboa — Imp. Nacional — 1896 — 1 folh. — 248 × 161.
- 44 Noticia historica das Ordens Militares e Civis Portuguezas e Legislação respectiva desde 1789 — edição illustrada com estampas em chromo — lithographia — Coordenada por Aleixo Tavano e José Augusto da Silva — Lisboa — Imp. Nacional — 1881 — 1 vol. br. — 280 × 180.
- 45 Paleoethnologia — Antiquidades monumentaes do Algarve — tempos pre-historicos — por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga — Lisboa — 1886 a 1889 — 3 vol. ill. e br. — 250 × 160.
- 46 Paris Exposition 1900 — publié par la Librairie Hachette & C.<sup>ie</sup> — Paris — 1900 — 1 vol. ill. e br. — 194 × 124.
- 47 Probidade Litteraria — Cartas a F. Ch. — por Abd-Allah — Lisboa — Typ. do «Jornal do Commercio» — 1874 — 1 folh. — 159 × 100.
- 48 Processos celebres do Marquez de Pombal — factos curiosos e escandalosos da sua epocha — documentos historicos ineditos — 1782-1882 — Por um anonymo — Lisboa — Typ. Universal — 1882 — 1 folh. — 225 × 153.

- 49 Relatório sobre o Cadastro — pelo Cons.<sup>o</sup> Antonio José d'Avila — Lisboa — Imp. Nacional — 1848 — 1 folh. — 225 × 160.
- 50 Revista d'Ethnologia e de Glottologia — estudos e notas — por F. Adolpho Coelho — fasciculos I, II e III — Lisboa — Typ. Universal — 1880-1881 — 1 vol. br. — 238 × 162 e 1 folh. — 217 × 153.
- 51 Rome d'après le guide en Italie de Mr. de Lossow — Portefeuille pour Rome antique et moderne — Rome — Imp. Clement Puccinelli — 1855 — 1 vol. br. — 145 × 100.
- 52 Sociedade de Geographia de Lisboa — Indices e catalogos — A Bibliotheca — I obras impressas — segundo e terceiro annexos — Lisboa — Imp. Nacional — 1897-1899 — 2 vol. br. — 254 × 155.
- N. B. — No proximo numero do Boletim concluiremos a relação das valiosas obras offercidas pelo Sr. Rocha Dias, o que não fazemos agora pelo seu avultado numero.

### Publicações periodicas

No ultimo numero do Boletim deste anno daremos a relação de todas as Revistas, Boletins, Relatorios, Annuarios, e outras publicações periodicas, tanto nacionaes como estrangeiras, que em tão avultado numero honram a nossa Bibliotheca.

### Jornaes

Primeiro de Janeiro — Nação (A) — Leiria Illustrada. — Todos por obsequio das respectivas administrações.

Lisboa, Museu do Carmo, 30 de Junho de 1911.

JULIO AUGUSTO FERREIRA

Bibliothecario